



Redatores:
 Notícias Científicas —
 Vicente Amato Neto
 Esportes — Renato
 Santos Abreu
 Eneas B. Fusco, Ruy de
 Paula Dias, José Veles-
 cky, Yvone Facuri,
 Eduardo Marcondes,
 Maurício Grinberg, A-
 loisio Fernandes, Ma-
 ria José Machado, Jôr-
 ge W. F. Amaro

Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"
 Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo

(Registrado no D. N. I.)

Redator Chefe
 WILLIAM CALLIA

Diretor:
 ALVARO E. DE ALMEIDA MAGALHÃES

Secretário:
 ODOX MARANHÃO

ANO XVIII

SÃO PAULO — MAIO DE 1951

N.º 61

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - "Padrão A"

Presente de aniversário

Flamínio Fávero

A Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo ganhou, há dias, um mimo de aniversário. E foi belo o presente. Mandou-lho o Conselho de Educação Médica e Hospitais da "American Medical Association", Noticiou a imprensa o acontecimento, digno, por certo, de tomar o realce que lhe foi dado. Consistiu na inclinação de ensino médico estrangeiras recomendadas e reconhecidas como o elevado padrão, nas mesmas bases das melhores dentre as congêneres da América do Norte.

O esplêndido prêmio, de caráter excepcional, não foi solicitado. Foi a espontaneidade de que se revestiu a concessão teve unanimidade de votos dos que julgaram justo fazê-lo.

A autora da distinta e apetecida láurea tem renome universal pela respeitabilidade científica e ética que possui. Ademais; é muito parcimoniosa em gestos desses, sendo, como asseguram as notícias, a Faculdade de S. Paulo, por ora, a única na América do Sul, a ser equiparada às melhores escolas dos Estados Unidos.

A memória de Arnaldo Vieira Carvalho, o imortal artífice dessa casa de ciência, se cobre mais uma vez de louvores vindos de todos aqueles que, de qualquer sorte, têm sua vida ligada ao nobre templo da medicina. Porque a ele se deve, incontestavelmente, o lançamento dos alicerces que iriam permitir a construção do monumento de cultura e pesquisas que aí está, e, ainda, o impulso irresistível que com tanta eficiência seria idôneo para despertar energias, magnífico entusiasmo e forçar vocações, na esfera das atividades de labor da admirável escola.

Quem passeia sob seus tetos amigos, quem lhe visita os laboratórios e clínicas, sente palpitar por toda a parte, nos obreiros que nela trabalham, uma vontade sem limites de que tudo seja perfeito, nas mínimas coisas. O esforço geral não é egoísta, mas visa apenas ao crescimento da instituição, honra de S. Paulo e do Brasil, pelo labor de seus mestres e alunos.

Para mim, vivo ininterruptamente nessa escola de meu afeto desde o dia 2 de abril de 1913, quando se iniciaram suas aulas, o presente valioso que lhe ofereceram no mês de seu natalício, me toca fundo o coração.

Eu quero a essa Casa como um pedaço de meu lar. Vi-a nascer, crescer e dar os primeiros frutos, e todos os demais, até hoje. E sempre contemplei na faina construtiva de um sublime ideal, procurando ser-



Faculdade de Medicina — Hospital das Clínicas — Hospital de Traumatologia — Escola de Enfermagem

vir, com rigorosa honestidade, à terra onde haveria de aprofundar raízes, no propósito de ser digna de seu berço. Teve dificuldade desde o início. Eram inevitáveis. Tão elevados intuítos nem sempre seriam compreendidos. Mas o agigantado ofício que gozara os planos e ia erguendo o monumento nêles assentado, também vencia um a um os obstáculos da jornada. E ficou vigilante, velando com carinho a sua criação enquanto viveu. Um dia, a morte o tomou, talvez na esperança de que, faltando o construtor, tudo ruísse. Enganou-se ela. A estrutura do edifício estava pronta. Fôra nenhuma seria capaz de atingi-la. Lembrando essa firmeza a qualquer prova que Arnaldo Vieira de Carvalho lhe imprimiu, tive o ensejo, ao falar como diretor nas festas comemorativas do jubileu de prata da Faculdade, em 2 de abril de 1938, de comparar a tarefa hercúlea do imortal mestre paulista com a abóbada da casa capitular do Mosteiro da Batalha, cujo fecho foi pôsto pelo engenheiro de Afonso Domingues, que, ao expirar, confiante, assegurou: "A abóbada não caiu, a abóbada não cairá" A Faculdade permaneceu depois

Premio merecido e espontaneo á Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Ernesto de Souza Campos).

A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo acaba de receber prêmio excepcional e conferido espontaneamente, o que demonstra o reconhecimento, no estrangeiro, da grande obra realizada por essa instituição, nestes quasi quatro decenios, no campo da instrução, da educação medica e da pesquisa científica.

A "American Medical Association", uma das maiores e mais prestigiosas sociedades medicas do mundo, enviou ao Diretor da nossa Faculdade, uma comunicação informando ter o seu "Conselho sobre Educação Médica e Hospitais", aprovado, unanimemente, a inclusão dessa nossa escola medica entre as instituições de ensino medico estrangeiras, recomendadas e reconhecidas como tendo as mesmas bases de ensino ministradas nas melhores organizações congêneres da America do Norte.

Entre os países da America, é a nossa Faculdade de Medicina, a uni-

ca até agora a ser reconhecida nessas condições de equiparação às Escolas medicas dos Estados Unidos, aprovadas. Para acentuar a importancia desse documento, folgamos em reproduzi-lo na integra:

AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION

Council On Medical Education
 And Hospitals
 535 North Dearborn Street, Chicago
 10

OFFICE OF THE SECRETARY
 March 13, 1951

The Dean
 University of São Paulo
 Faculty of Medicine
 São Paulo, Brasil

Dear Sir:
 I am pleased to inform you that at their recent meetings this Council and the Association of American



Fabula
O SAPO e o BOI

Certo sapo um dia viu-se de um boi em companhia.

Tal condição levou o sapo as nuvens, mesmo assim o sapo como era sentiu-se diminuído diante do fabuloso boi. Começou a inchar, e inchou até que um dia deu-se o já esperado. Uma explosão.

Assim acontece com muitos homens que se veem em companhia de alguém com quem jamais pensariam estar. Esta é uma fabula, porém de certo modo se aplica a um número avultado de elementos de nossa faculdade. Quando se trata de aprender não procuramos saber a fonte, catárático, assistentes recémformados ou colegas o importante é aprender, caso contrario estamos perdendo tempo com autenticas 'galinhagens' sem proveito.

Assim acontece com os plantões muita vez de obstetrícia. Em verdade vos digo, quantas e quantas vezes o bebê nasceu sosinho, feliz o foi, caso contrário de Cunha Motta teríamos saudações.

Não que haja descaso pelo parto, mas sim por o considerarmos uma burocracia. Durante todo o curso no 5.º ano, confesso ter assistido um único parto, digo assistido porque porque assisti mesmo de camarote; nasceu sosinho...

Bem isso não é propriamente culpa da caderira, mas o que aborrece é o sumiço completo do interno ou melhor de internos como de externos...

De modo a ficarmos por vezes fazendo feio diante de uma parteira, apesar de sermos apenas estudantes.

Quando outras vezes os maiores dos plantões estão presentes, é o diabo, lá vem um milhão de perguntas e por fim... você não esta em condições de fazer este parto. Enquanto isso a criança vem ao mundo diante de enfermeiras, terceiras e quarteirais. O melhor modo de ensinar é fazer o certo, nem todos tem a mesma inteligência... (digo bem).

O metodo das "gosadas" na nossa opinião é um erro que deve ter sua vantagens, mas aqui na faculdade nunca.

Aos amigos um agradecimento, aos que se dizem gosadores um "boa noite..."

Cuidado não façais como o SAPO. Distocia

COMO "COLAR"

(Nas horas de aperto, nada como conselhos oportunos).

Primeira condição: sentar atrás.
Segunda: usar óculos escuros, caso não tenha o privilégio de ser estrábico. Não comer durante uma semana, para se manter pálido e não mudar de cor quando o professor estiver pelas proximidades.

Terceira: Ir ao exame de calça listada e escrever o "necessário" nas linhas brancas, com tinta azul, da mesma cor da roupa. Escrever, de preferência, na região anterior da coxa.

Quarta: Não tremer, e adotar ares de sabido.

5.º condição: Perguntar ao professor, uns dias antes do exame, o que é bom para coceiras, porque: 1.º Ele procura não chegar muito perto. 2.º O aluno poderá se mexer e coçar a "perna" à vontade, sem que ele desconfie.

6.º condição: Se o professor for "insistente" e o pegar, não o irrite. Lembre-se que AINDA HÁ O ORAL. Ivone.

Walter Belda, no Conselho Universitário.



Para representar os Universitários Paulistas no Conselho Universitário foi eleito pelos presidentes dos Centros Academicos de São Paulo, o Ac. Walter Belda Presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" A eleição do nosso presidente, representa não somente o reconhecimento de sua capacidade pessoal, mas significa também uma homenagem aos estudantes de Medicina da Faculdade.

Com Walter Belda no Conselho Universitário, temos a certeza de que os interesses dos Universitários estarão assegurados.

Colaboração para
"O BISTURI"

do colega Smul.

Quando uma pessoa é mordida por um cachorro, se este não tiver cauda, não é preciso fazer tratamento anti- "rábico"?

- X -

Sabiam os colegas que o 'Pupo', vai se promovido para... "ninfo". (Promoção para sitológica).

- X -

Dizem que o prof. Paula Santos, ficou muito aborrecido quando houve aquela desastre com "O Torino"

- X -

Quando num consultório, o "paciente" diz, que espera "pacientemente", o "paciente mente"?

- X -

Quando o Lívio vai atender um paciente, este recebe logo" a... Lívio"?

- X -

Que responderia o Dr. Chamas, se alguém lhe perguntasse: - "Como te chamas?"

- X -

No ano passado, durante o segundo exame, havia uma turma que esperava ser examinada pelo Barreto, mas chegou o dia do exame e "dá-se o" imprevisito...

- X -

Quando o colega Segal, vê dois galos brigando; se quiser "soegá-los", é "só cegá-los"?

- X -

Quem faz reação química, rapidamente, é um individuo 'precipitado'?

- X -

Os colegas que souberem de algum trocadilho com o meu nome, podem se manifestar. Não é preciso dis... "SMUL... ar.

Profissionais falando
de amôr

O LADRÃO

Roubei ouro, roubei prata
Roubei joias e marfim
Porém não posso roubar
O teu amor para mim.

O JUIZ

Do veridictum que faço
Só há perpétuo castigo
Terá por grades meu braço
E em meu peito um amigo

O MENDIGO

Como indigente lhe digo
Que esmola assim não pedi
Como esta que eu mendigo
De ser beijado por tí.

A CIGANA

Eu quizera ler a sorte
Na palma da tua mão
Para ver se estou na parte
Que fala do coração.

O MEDICO

Curo enfarto, curo angina
Curo estenose de mitral
Só remédio não encontro
P'ra me amar quem me quer] [mal.

IVONE

1.a aula de Obstetrícia

Meus Srs.

Apresento juntamente com as minhas boas vindas aquelas dos companheiros da Clínica Obstétrica.

Tratando-se do vosso primeiro contacto com a obstétrica temos por obrigação esclarecer-vos certos pontos obscuros, dando à luz após quatro penosos e fatigantes anos de trabalho escolar, ensinamentos que vos servirão em toda a carreira.

Desde 1770, um dos problemas importantes foi o da Anatomia:

O útero do parteiro é diferente do utero do anatomista - estamos falando de conceito naturalmente.

Este divide-o em corpo, colo e fundo, aquele, entretanto baseado em estudos pseudo-farrísticos viu qu o corpo, sendo diferente do colo, o istmo não poderia ligar o corpo a fundo sem tirar o colo, nem este ao corpo; assim a união colo-corpo-istmo priva do do colo do corpo se reduziria a uma só peça anatomica, o utero dividido em: corpo, colo e fundo (Pum, Pum 1951) (perdemos nesse ponto um trecho da palestra.

... Desde a descoberta dos Ly I e Ly II parecia que aobtenção de ovos se estabilizara. Em 1911 conseguimos, entretanto, uma duzia de ovos, bem recentes e a preço rduzidos, pois só duas vidas maternas se perderam.

Os senhores deverão ter sempre na cabeça alguns CONCEITOS para evitar empreendimentos infertis durante o tirocinio.

Assim é que não devemos dizer nefron (terminação lusitana) e sim nefrônio ou nefrão (esquecemos a respeito do que o Prof. citou isso).

... pós considerações outras d eordem geral, foi a brilhante palestra assim concluidas:

- Tudo muda, tudo melhora (ou peora): quiçá consigamos em breve obter a semelhança dos antibióticos *in* PROBIOTICO, a droga maravilhosa que realize o desejo d tanta gente: ENCURTAR OS NOVE MESES!

Pulex imitans.

A história de um transferido

No Paraná.

Vou partir, ó minha gente,
Levando tudo o que é meu,
Vou mostrar que sou valente,
Que mais que êles sei eu,

Em São Paulo.

Achei tal diferença,
Daquilo que imaginei.
Foi tanta a indiferença,
Que só, na sala, fiqueii.

Do sonho, à realidade,
É bem diferente o matiz
O sonho com a Faculdade,
Fez-me p'ra sempre infeliz

Um dia, sonho adorado,
Com êles, aula assistí!
Foi sonho, um pouco duro.
Depois, quase morri

No Paraná.

Fui para lá arranjar amigos,
Cousa que lá não encontrei.
Vim de lá, todo esfolado
Do bom trote que levei.

Moral da História:

Meus amigos, venham ver
Coisa que nunca se viu.
O quarto ano enfesou
E o transferido sumiu.

Ivone.

ANASEPTIL RINO: - Sulfa e efedrina, associadas para o tratamento etiológico e sintomático de afecções das vias aéreas superiores

Os estudantes de Medicina e o serviço militar

EDUARDO MARCONDES.

Este artigo, primeiro de uma série, tem por fim analisar parte do problema dos estudantes de Medicina e a quitação com o serviço Militar. Limitar-nos-emos a considerar apenas se há ou não vantagem no modo pelo qual os estudantes de Medicina cumprem sua obrigação para com o Exército e apresentaremos uma possível solução para o problema.

Em primeiro lugar consideremos o aspecto militar desse problema. Todos nós sabemos que os estudantes universitários em geral fazem o serviço militar cursando o C.P.O.R., escolhendo, segundo sua preferência, entre quatro armas e um serviço que são respectivamente: Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia e Intendência.

É útil lembrar que o período de instrução compreende duas férias de fim de ano, duas de meio de ano e todos os domingos de dois primeiros semestres, totalizando, em dois anos de instrução, 176 dias (excluindo naturalmente feriados, dias santos, Carnaval, etc). Como a instrução é ministrada na parte da manhã apenas, podemos dizer que a formação militar do estudante universitário se faz em 88 dias completos. Isso quer dizer que para preparar um oficial da reserva, 88 dias é um tempo considerado suficiente por quem de direito, para a formação dos supracitados oficiais.

Ora, o Exército necessita de médicos, seja em tempo de guerra, seja em tempo de paz; por isso existe o serviço de Saúde do Exército. Mas o C.P.O.R. não tem esse serviço na sua instrução. Portanto, os estudantes de Medicina formam-se oficiais da reserva preparados para agir em um campo completamente alheio ao em que trabalham na vida civil. Em caso de convocação, os médicos que são oficiais da reserva pelo C.P.O.R., servirão na arma em que se formaram, pois a lei é explícita: O cidadão convocado serve na sua arma e não na sua especialidade.

Mais ainda: Em caso de emergência segundo os cálculos feitos acima, o Exército formaria um oficial da reserva em 88 dias. Mas formaria um médico nesse mesmo tempo?

A consequência disso tudo é clara: Médicos lutando na frente de combate concomitantemente com a falta de médicos na retaguarda, sendo que é proibido a um oficial de Infantaria, mesmo sendo médico, opinar sobre assunto fora de sua arma! Na última guerra a situação chegou a tal ponto que os americanos perguntavam se havia tantos médicos no Brasil de modo a sobra-rem para servir como combatentes! Ora, nós sabemos muito bem que não sobram médicos neste Brasil...

Em suma, somos de opinião que ministrar instrução de Infantaria ou qualquer outra arma a um estudante de Medicina é um mau negócio para o Exército. E perguntamos: se há necessidade de médicos numa guerra, se há um serviço de saúde do Exército e se há estudantes de Medicina, porque não transformá-lo em oficiais da reserva do Serviço de Saúde?

Mas passemos a um segundo aspecto do problema, que diz mais respeito aos estudantes. Para nós, o Serviço Militar tal como está regulamentado atualmente, nos é duplamente desvantajoso: primeiro, porque, as férias de um estudante de Medicina são diferentes das férias de qualquer outro universitário: é nas férias que frequentamos de fato a enfermaria. São as férias um tempo precioso para o estudante. Mesmo os que passaram do 2.º para o 3.º ano

já têm o que fazer nesse período. Chamo a atenção para o fato do estágio coincidir com as férias de fim de ano do 3.º, 4.º ou mesmo 5.º ano. Em segundo lugar, em caso de convocação, serão 6, 12, 18 ou mesmo 24 meses que passaremos completamente afastados da Medicina, longe de um doente. É esse o nosso grande prejuízo. Em caso de guerra, atenderemos prontamente ao chamado das autoridades, mas gostaríamos de servir dentro da nossa profissão, como médicos e não como soldados combatentes. Passaremos o tempo que for necessário na frente de combate, mas preferiríamos fazê-lo como médicos, para o bem do Brasil e para o bem de nossa própria carreira.

E perguntamos novamente: se há necessidade de médicos numa guerra, se há um Serviço de Saúde do Exército e se há estudantes de Medicina, porque não transformá-los em oficiais da reserva do Serviço de Saúde?

A resposta a essa pergunta foi-me dada uma vez: se não existem médicos suficientes no Exército para atender aos soldados doentes, onde arranjar médicos para dar instrução?

Ora, a esse argumento posso responder facilmente: um único oficial médico poderia dar instrução para cem estudantes, instrução essa ministrada duas ou três vezes por semana, e o local seria o próprio Hospital das Clínicas.

Salta aos olhos a solução que proponho, já anteriormente preconizada: a criação de uma 31.ª cadeira no curso Médico, que seria cadeira de Medicina Militar, ministrada no 5.º ou no 6.º ano. De acordo com essa solução, todo estudante, ao formar-se, passaria automaticamente para o Corpo de oficiais da reserva do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

A meu ver essa solução é bastante praticável. Agora, se a criação da cadeira de Medicina Militar traria vantagens ou desvantagens para o ensino médico ou para a formação de oficiais da reserva do Exército Brasileiro, será assunto do próximo artigo.

III Congresso da U. E. E.

Realizou-se em São Paulo, no mês de março, último, o III — Congresso da União Estadual dos Estudantes, entidade máxima dos universitários paulistas, a qual está filiado o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Com o sucesso esperado foram discutidos vários temas ligados à classe estudantil, tudo revelando o interesse dos estudantes pelos nossos problemas sociais e de ensino.

Na eleição realizada para a indicação da Diretoria, que dirigirá U. E. E. durante o ano de 1951, foi eleito 2.º Vice-Presidente, o nosso colega Ac. Aldo Fazzi.

Encerrando o Congresso, tivemos oportunidade de assistir no Teatro da Faculdade de Medicina, um belíssimo "show" no qual tomaram parte, com grande sucesso, estudantes desta Faculdade e da Escola Mackensie.

Representaram os alunos da Faculdade de Medicina, no III — Congresso da U. E. E. os seguintes acadêmicos: Agostinho Betarelo, Aldo Fazzi, Alvaro Magalhães, João Ramuno, Hildebrando P. da Silva, Moutaury M. Porto, Tharcilo e Walter Belda.

AOS ESTUDANTES BRASILEIROS

O "CENTRO ACADEMICO OS WALDO CRUZ" E O PROBLEMA DAS TRANSFERÊNCIAS.

O não conhecimento das condições de matrícula e de ensino na Faculdade de Medicina de São Paulo, tem provocado interpretações variadas sobre a campanha vencedora do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" contra determinadas formas de transferências.

Um espírito de bairrismo mesmo foi aventado, inclusive por alguns representantes do povo que, com desconhecimento total da causa, fizeram a ausência de um espírito amadurecido, tão necessário aos postos de mando.

No entanto nada é mais elementar do que o fundamento da preterição dos acadêmicos de medicina que, em realidade, é a mesma de todos os estudantes da Universidade de São Paulo assim como das demais escolas superiores desse estado.

Anualmente cresce o número de candidatos aos vestibulares de nossas escolas superiores. Dessa afluência sempre crescente resulta necessidade de maior seleção, o que leva naturalmente a exames mais rigorosos.

Na Faculdade de Medicina o número de vagas estipulado em Regulamento é de 80 por série. Número esse que, em virtude da dificuldade de aparelhamento necessário, ainda é superior ao que deveria ser. No entanto, em vez de 480 alunos há 515 matriculados. Fato esse que necessariamente perturba o ensino.

Com essa limitação de vagas, uma das condições que levou a Faculdade de Medicina a ser equiparada um as de "padrão A" Norte-Americanas, todos os anos centenas de alunos veem baldadas as esperanças de seguir um curso universitário. Há colegas que por cinco ou mais vezes seguidas, prestam os exames vestibulares. No ano corrente 520 foram os candidatos, 1120 alcançaram média suficiente, no entanto somente 80 foram matriculados. Ninguém lembrou de leis para aproveitar os aprovados. Ninguém se lembrou de que centenas de pais vieram — uma ilusão desaparecer. Mas, no próximo ano, os não classificados estarão de novo em concurso numa demonstração clara de idealismo, de espíritos de sacrifício, de moralidade.

Mas, ao lado daqueles que procuram os verdadeiros meios de ingresso numa escola superior, há os que, protegidos pela fortuna ou por decência da interpretação imoral de um lei justa, fogem aos exames de habilitação.

Num ambiente honesto tal acontecimento não se justifica. A lei de transferência em princípio é justa e necessária. A Faculdade de Medicina, assim como todos aqueles que estudam em São Paulo, receberão sempre de braços abertos a todos aqueles que, vindo de outras terras, aqui venham estudar. O exame de habilitação ou o concurso para as falsos políticos, sob a cobertura invagadas que existam nas diversas séries, são credenciais suficientes para merecer nossa admiração.

A lei permite determinadas transferências sem concurso e independentemente de vagas. Sem com-

preender voluntariamente o espírito que norteou o legislador, todos os anos brotam indivíduos que da noite para o dia se fazem datilógrafos, escrivães, carteiros etc., de instituições estatais ou para estatais e, em menor prozo, não removidos "por necessidade de serviço" e aqui aparecem com ordem de matrícula. No entanto, quantas vezes procuramos emprego para estudantes realmente necessitados e a recusa vinha sempre acompanhada não tem tempo para trabalhar. Parece que por trás disto há outras imoralidades.

As profissões liberais, mormente a medicina, exigem formação moral sólida. Os que publicamente burlam as leis o que não farão entre as quatro paredes de um consultório?!

Foi baseado num espírito de moralidade, de justiça e admiração pelos que com sacrifício se sucedem nos concursos, vindo ano a ano as dificuldades aumentarem sem contudo esmorecer, que os alunos da Faculdade de Medicina se declaram contra o uso imoral da lei.

Vários foram os casos no ano corrente. Um deles após quinze dias de serviço como datilógrafo, num estado vizinho, foi transferido para São Paulo por necessidade de serviço!

A obstinação em não querer reconhecer a repulsa dos universitários paulistas pelos atentados que conscientemente praticavam contra o bom nome de nossas instituições de ensino, determinou os movimentos contra a lei de transferência. Uns prontamente reconheceram o erro. Outros tentaram persistir, usando armas mais indignas como os boatos. Desmentimos publicamente que tenha havido qualquer violência física contra os pretensos transferidos. Os que propagaram notícias tão falsas mostraram claramente como estão envolvidos na imoralidade.

Com a compreensão de todos os estudantes, do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Medicina, com o apoio de seu ilustre diretor, a causa é hoje vitoriosa. O Conselho Universitário já aprovou proposta de se entender com o Ministro da Educação para que a lei seja modificada.

Quando os responsáveis pelo ensino compreenderem que, sem autonomia, as Universidades não podem viver, quando alcançarem o significado do prestígio de uma Universidade, não haverá então lugar para os que querem entrar nas escolas pelas janelas.

Aos estudantes de todas as escolas superiores do Brasil que honestamente labutam por uma formação cultural digna, aos senhores professores, ao povo em geral, tornamos público que os alunos da tradicional Faculdade de Medicina de São Paulo apenas querem que não se ultragem aqueles que, sacrifício e idealismo, se submetem a exames sucessivos, a concursos rigorosos, para, honestamente, conquistar um diploma.

Walter Belda
Presidente do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz."

PRIMAVERA...

*Sinto em mim um impulso vago,
talvez o mesmo impulso
que transformou a seiva em delicada flor
cobriu de folhas verdes os galhos secos
e fez crescer frutos sobre as flores murchas.*

J. Valente Barbas

ANASEPTIL FTALIL: — Ftalil-sulfatiazol, composto sulfamidico pouco absorvido, associado as vitaminas K e Bl

Notícias Científicas

SULFAMIDOTERAPIA - Variantes da Sulfa - combinação

Em 1932, Domagk, diretor do Laboratório de Patologia de Elberfeld, trabalhando com Klarer e Mietzsch, observou que o "Prontosil" protegia ratos infectados experimentalmente por estreptococos, assim como era eficaz contra certas outras infecções experimentais.

Estava lançada a sulfamidoterapia na terapêutica moderna, fato este que permitiu Domagk obter em 1938 o prêmio Nobel de Medicina. É curioso notar que esta substância era conhecida quimicamente desde 1909 e considerada como simples corante.

De 1932 para cá, a sulfamidoterapia caminhou a passos largos, buscando os pesquisadores derivados cada vez mais ativos e menos tóxicos. "Neo-Prontosil", "Dagenan", "Sulfapiridina" (1938), são verdadeiros marcos nessa corrida de aperfeiçoamento, que permitiu o aparecimento das sulfas usadas hoje em dia: sulfatiazol, sulfadiazina, sulfamerazina e sulfametazina.

São inúmeras as infecções suscetíveis a essas substâncias, quer infecções bacterianas, como pneumonias meningites, blenorragias etc. quer infecções micóticas, como blastomicose e actinomicose quer infecções por vírus, as quais são exemplos o tracoma e a lipo granulomatose venérea. É ainda a terapêutica sulfamídica, apesar dos recentes progressos no terreno dos antibióticos, um grande esteio terapêutico para o médico prático.

Um dos mais frequentes inconvenientes porém, que surge no tratamento pelas sulfas é a possibilidade do aparecimento de hematurias e de cólicas renais em consequência da formação de cristais, algumas vezes verdadeiros cálculos no trato urinário do paciente.

Como sabem, as sulfas absorvíveis se eliminam em 95% pelos rins, sendo seu "clearance" mais ou menos semelhante ao da uréia. Sua eliminação se processa através de um acetil-derivado, substância essa pouco solúvel que, quando em concentração pouco maior, pode precipitar-se dando origem aos cristais ou cálculos urinários, responsáveis pela sintomatologia renal. Vê-se, portanto, que o grau de concentração da sulfa nos túbulos renais é, em última análise, o responsável pela formação dos precipitados. Foi essa eventualidade que a sulfamidação resolveu.

Verificou-se que a associação de três sulfas em doses terapêuticamente tão ou mais eficientes que a dose correspondente de uma só, comportava-se no rim para efeito de solubilidade, como três substâncias diferentes, estando cada uma em muito baixa concentração urinária, impossibilitando portanto a formação de cristais. Agem por conseguinte no organismo pela soma das doses parciais das sulfas de que são formadas, com efeito terapêutico ótimo, enquanto no rim comportam-

Os compostos sulfanilamídicos pouco absorvidos

Os sulfanilamídicos são os compostos representados pela sulfanilamida e seus derivados. Constituem drogas de modo geral bem absorvidas pelo tubo digestivo; daí decorre o fato de ser a via oral preferida para a administração desses compostos. Apenas alguns sulfanilamídicos, citados mais adiante, não são bem absorvidos pelo intestino. A absorção para os que fazem exceção, se processa, em termos gerais, dentro de 3 ou 4 horas, sendo que tal absorção é total. Uma vez absorvidos, passam para o meio interno e se distribuem satisfatoriamente para todo o organismo; assim sendo, está justificado o emprego desses compostos em processos das mais variadas localizações. Chegam mesmo ao líquido céfalo-raquidiano, se bem que em taxa menor que a do sangue; essa taxa, ainda que menor, é satisfatória, fazendo exceção apenas o sulfatiazol, que alcança concentração ínfima no líquido céfalo-raquidiano, necessitando ser levado por via intratecal quando absolutamente indicado em processos desse setor, não ficando dispensado, porém, o seu emprego por via bucal.

Os sulfamídicos, no organismo, em parte, são transformados, ocorrendo acetilação no grupo amínico; o acetil-derivado é inativo e, além disso, tem tendência a se depositar nos rins e vias urinárias. Alguns compostos sulfamídicos sofrem maior acetilação que outros. A acetilação varia, porém, para a mesma droga e conforme o indivíduo. Em certos casos é necessário conhecer o grau de acetilação e por isso se impõem as dosagens no sangue, ainda que incomodas.

A eliminação desses compostos se processa, nas formas ativa e inativa, por diversas vias, tais sejam a urina, leite, saliva, bile, além de outras. Sendo eliminados na forma ativa pela urina podem ser usados, e de fato o são, em determinadas infecções do aparelho urinário.

Da influência dos fatores citados resulta a concentração no meio interno. Na terapêutica pelos sulfamídicos deve ser conseguida concentração suficiente, a qual deverá ser mantida enquanto se fizer necessária; daí decorre a prática de se administrarem essas drogas sistematicamente depois de decorrido certo intervalo, variável com a grau de acetilação e com a velocidade de eliminação. Para aqueles muito acetilados é rapidamente eliminados o intervalo entre uma dose e outra deve ser menor para os eliminados mais lentamente os intervalos podem ser maiores e, além disso, pode ser menor a dose empregada (é, por exemplo, o que ocorre com a sulfa-

se como substâncias separadas, dando concentração baixa para uma.

Sem dúvida, deve ser a sulfamidação o tratamento de escolha, quando pretendemos empregar a sulfamidoterapia.

Emil. Sabbaga

merazina. No entanto alguns sulfanilamídicos não são bem absorvidos pelo tubo digestivo. É o que acontece com a sulfaguanidina, com a sulfasuccidina e com a sulfatalidina. Essas drogas são absorvidas apenas em pequena taxa. Por outro lado, possuem elas certa especificidade contra agentes de processos infecciosos intestinais. Assim sendo, pela soma dessas duas propriedades, ou seja, pequena absorção e especificidade contra agentes de processos infecciosos intestinais, são justamente empregadas no combate a esses mesmos processos.

As aplicações das sulfas pouco absorvidas são, atualmente, várias. Podem ser usadas nas toxi-infecções alimentares, se bem que atuem menos contra as Salmonellas que contra as Shigellas; deve ser lembrado também que a cloromicetina, recente recurso terapêutico, é eficientíssima no combate a essas toxi-infecções. Na disenteria bacilar encontram essas drogas largo campo de ação; em face da eficiência

dos sulfanilamídicos pouco absorvidos o antigo soro antidisentérico não encontra mais razão para ser prescrito; por outro lado, novas drogas, hoje em dia, estão sendo ensaiadas no tratamento das disenterias por Shigellas, como por exemplo a cloromicetina, aureomicina, estreptomina e terramicina, sendo que, sobre a eficiência de algumas delas, as conclusões não estão bem firmadas. Alguns autores recomendam o uso de sulfanilamídicos bem absorvidos associadamente aos pouco absorvidos, no tratamento da disenteria bacilar, afim de corrigir a septicemia que pode ocorrer no transcurso da doença. Têm no campo da cirurgia das vias digestivas os sulfanilamídicos pouco absorvidos vasto ambiente de ação, quer no pré, quer no post-operatório, garantindo eficiente grau de assepsia. Algumas vezes são essas drogas empregadas com a finalidade de combater infecções secundárias, como por exemplo na disenteria amebiana, onde o seu uso facilitará a cura da doença.

Os sulfamídicos em questão, agindo contra germes intestinais, podem prejudicar a síntese da vitamina K, inconveniente, aliás, facilmente corrigível.

POLISEPTIL

Sulfamidação

Protege a rim contra a cristalúria

Evita as reações de hipersensibilidade

FÓRMULA

(Comprimidos brancos) Cada comprimido contém:	(Comprimidos azuis) Cada comprimido contém:
Sulfamerazina 0,125 g.	Nicotinamida 0,02 g.
Sulfametazina 0,125 g.	Citrato de sódio 0,25 g.
Sulfadiazina 0,125 g.	Bicar onato de sódio 0,25 g.
Para-sucínilsulfanilamida 0,125 g.	

POLISEPTIL - SULFAMIDOTERAPIA IDEAL

Cia. Farmaceutica Brasileira Vicente Amato Sobrinho S. A.

PRAÇA DA LIBERDADE, 91 - SÃO PAULO

ESTERILIZAÇÃO DO TRACTUS INTESTINAL PELO DERIVADO FTÁLICO DA SULFA

ANASEPTIL - FTALIL

(Ftalil Sulfatiazol com Vitaminas K e B')

ABSORÇÃO PRATICAMENTE NULA, ALCANÇANDO GRANDE CONCENTRAÇÃO NO CONTEÚDO INTESTINAL

Disenterias

Colibaciloses

Enterocolites

CIA. FARMACÊUTICA BRASILEIRA VICENTE AMATO SOBRINHO S/A

PRAÇA DA LIBERDADE, 91

SÃO PAULO

ANASEPTIL AMPOLAS E COMPRIMIDOS: - Deriva do sulfamídico de alta tolerancia, toxidez minima e elevado teor de solubilidade.

O calouro e o tróte

Academia de Ciências do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

Não há calouro que ao transpôr os portões da Faculdade, no primeiro dia de aula, não tenha sentido o péso e avaliado, realmente significadamente do termo calouro. E não há, por certo, veterano que não se lembre desse terrível primeiro dia.

Esse primeiro dia que deveria ser o mais feliz, o jubiloso dia da grande vitória se torna, no momento da aproximação do quarteirão da Escola, o mais angustiante, talvez, da curta experiência de vida, daqueles moços. Essa passagem constitui, certamente, para muitos, primeira sensação de abandono, de solidão e medo...

Mas, porque esse estado, esse desespero, se há tão pouco tempo atrás, essa idéia era a mais bela, a mais alegre e reconfortante das idéias que o calouro poderia conceber quando pré-universitário? No entanto, a explicação de tudo isto, por mais covarde que pareça aos de fora e por mais infantil que pareça aos de dentro, é simplesmente esta: o tróte.

Mas, não o tróte do corte do cabelo, do serviçalismo universitário e do que o próprio calouro sente até orgulho; não é deste espírito de camaradagem que o calouro tem medo ou que procura fugir. Mas é de tudo que transpõe... este plano, chegando até ao sadismo de certos veteranos recalçados, num abuso e desafio muitas vezes à própria dignidade do moço. Além disto, uma demonstração de ignorância das tristes consequências que podem trazer para o psíquico e mesmo para o físico, certos trotes, cuja citação no momento, seria inútil e impróprio. Repito, sadismo de veteranos recalçados...

E tanto isto é verdade, que se nós procurarmos observar durante esse tempo de trote, na Faculdade, aqueles que se ocupam dos calouros, veremos que eles se dividem em dois grupos: um daqueles... que se ocupam dos calouros; outro, daqueles que põem à mostra os seus recalques de covardia, fraquesa e impôr sua vontade e sua voz abusiva aqueles quase oitenta moços fortes, decididos e corajosos, sentindo nisto visível prazer, por não encontrarem resistência por parte dos calouros, não por incapacidade destes, mas pelo fato de ser o trote, perfeitamente legal dentro da Escola? Mesmo porque o calouro que se mostrar valente já sabe... o que lho os veteranos.

É por isso que frequentemente se ouvem palavras de vingança e de rancor por parte dos calouros. E é aqui então que se constata que o trote, cuja finalidade era o estreitamento da amizade entre calouros e veteranos se torna motivos de ódios e adversidades.

Diante destes já se pode concluir sobre o valor e eficiência do trote.

Colegas, nós, que somos alunos desta Faculdade que agora mais do que nunca somente, pelo seu nome, dispensa qualquer comentário e, especialmente, como membros do C. A. O. C., devemos abrir os olhos, pois, se as coisas continuarem neste pé, nisto que se poderia chamar desvirtuação do trote, veremos morrer dentro em breve, se é que ainda existe, o espírito de comunidade universitária e, particularmente, o espírito da nossa querida Escola. Ou então sobreviverá apenas a união dos alunos de uma mesma classe, união essa fundada no ódio à mesma causa.

Mas a revolta entre as classes

Há mais de um ano, foram lançadas as beses da Academia de Ciências do C. A. O. C. da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Criaram-se várias cadeiras em os respectivos patronos. A ocupação das mesmas fez-se mediante defezas de teses, perante bancas examinadoras compostas de três membros, de indiscutível valor no nosso meio científico.

A Academia recebeu ótimo acolhimento por parte do corpo discente e doscente da nobre Faculdade.

Dirigindo-se, ora para o campo da pesquisa, ora para o da História da Medicina, de qualquer forma, o objetivo da nossa Academia era louvável. Viria despertar o entusiasmo dos futuros doutores, para uma vida universitária mais ativa, mais creadora e mais idealista.

Com o apôiq recebido dos nossos professores e dos alunos da Faculdade, que souberam bem compreender a importância educacional da Academia, dever-se-ia esperar que a mesma já tivesse prosseguido nas suas realizações.

Assim, O. C. O. C. poderia mais uma vez, orgulhar-se do mérito dos seus constituintes e, com isto, só a ganhar o meio universitário da nossa querida Faculdade.

Tal, porém, não aconteceu. A Academia de Ciências do C. A. O. C. identifica-se, hoje, a mais um dos nossos sonhos.

O C. A. O. C., apesar de alguns elementos laboriosos que nele labutam tem sofrido dessas ilusões através de muitas Diretorias. É o caso da Casa dos Estudantes. Enquanto se ergue magestosa na Avenida São João, a casa dos Estudantes da Faculdade de Dedeito, e a base da Casa do Politécnico é lançada pelos Estudantes de Engenharia, semelhante idéia ainda não mereceu um propósito de firme realização, entre os esetudantes de Medicina.

A Academia de Ciência, foi idealizada por um colega nosso, hoje quintanista, mas foi o seu próprio desinteresse, em seguida, que a fez adormecer.

Isto, naturalmente, nos fez duvidar dos nobres ideais do jovem acadêmico, fazendo pensar mesmo, que o seu esforço inicial visava, tão somente, um "cartaz" para sua eleição no C. A. O. C.

Se os trabalhos andarem assim, a passos de tartaruga, quem sabe, os nossos tataranetos, que ingressarem na Faculdade, poderão encontrar uma bela Academia de Ciências, já grandiosa em suas atividades e de indiscutível valor cultural para a mocidade, que arduamente se dedicará à nobre das ciências. Luiz Eugenio Reginato, da cadeira Emilio Ribas, da Academia de Ciências do C. A. O. C.

continuará em espírito, o que será evidentemente, uma catástrofe, um impecilho às realizações da Escola e do Centro e, quiçá, mais tarde repercutirá em detrimento da Humanidade que está à nossa espera.

MARIA JOSÉ MACHADO

Considerações

Vimos observando que a atitude mental de grande maioria dos nossos colegas é de má vontade em relação às moças que estudam Medicina $\alpha\beta\gamma\delta\epsilon\zeta\eta\theta\iota\kappa\lambda\mu\eta\pi\rho\sigma\tau\upsilon\phi\chi\psi\omega\pi\sigma\tau\upsilon\phi\chi\psi\omega$ ou de nós pessoalmente, mas à "Categoria" de moças estudantes.

Os argumentos que são vários. Quase todos repetem, por exemplo, que as moças estão tomando o lugar de rapazes, porque proválmente não exercerão a profissão depois de formadas. Este "proválmente" é o ponto fraco, porque não se pode afirmar desde já que as colegas deixarão de trabalhar... Ademais as moças não "tomam" o lugar de rapazes, porque concorreram com eles, em igualdade de condições, no exame vestibular. E se fizermos cálculos sobre a porcentagem de moças que não exercem a Medicina, veremos que não é muito maior do que porcentagem de rapazes que, uma vez formados, se tornam professores, fazendeiros, ou se dedicam à política. O problema poderia ser deslocado para o ponto de vista social, isto é a obrigação que devemos ao estado que nos proporciona possibilidade de estudar nesta faculdades. Mas então o casos e torna muito complexo, porque não se pode medir a utilidade social dos que exercerão a profissão, e de qualquer maneira, se estende também aos rapazes.

Outros dizem que as moças não se interessam pela vida da faculdade. Talvez não seibam que grande número de nossas colegas trabalham na ligas contra a sífilis, contra a tuberculose no departamento de cultura; talvez não tenham observado que nas Assenbléia do centro há sempre present um grande número de moças (apesar das "saudações" que costumam receber quando lá chegam;) talvez também não seibam que no ano passado as nossas colegas esportistas conseguiram mais pontos para a A A A O C no Torneio-estiuolo, do que os rapazes, na prova d natação.

Alguns dos rapazes afirmam apenas: "mulher não dá para o estudo" Proválmente não sabem que os

primeiros lugares das classes com muita frequência têm sido ocupados por moças. A isso argumentam outros que as moças são decoradoras e muito teóricas; éstes não devem ter visto suas colegas no Hospital, algumas se destacando até no tão "masculino" campo da cirurgia; se tivessem observado bem, veriam que as probabilidades de errar não são maiores para as moças do que para os rapazes... E aqui aparecem os que dizem que as moças são boas alunas porque nada mais fazem senão estudar. Também estão mal informados, pois do contrário saberiam que muitas das moças trabalham várias horas por dia, sem falarmos nos inúmeros servicinhos caseiros que todas nós fazemos (nenhum dos rapazes se ocupa disso!)

Há ainda os que dizem que as moças que estudam Medicina perdem as ilusões (será isso desvantagem?), tornam-se realistas em demasia, masculinizam-se. Quão pouco psicólogos são estes rapazes, que não sabem que alma das estudantes da Faculdade é igual à das outras... com seus privilégios e fraquezas particulares! Talvez não seibam que no nosso D.F. tanto se fala sobre dissecação ou numa festa, sobre um caso clínico ou de um vestido novo, sem maior inconsecuência aliás do que a dos rapazes que passam uma aula no Hospital a um jôgo de futebol...

Além de tudo há aqueles que divertem puerilmente com a já célebre feitura das estudantes da Faculdade; a esse respeito, há bem maior largueza de vistas da parte das moças, pois não avaliam os colegas apenas pelo facies...

E afinal não conseguimos descobrir nenhum argumento de fato consistente em todo o arazoado dos rapazes. Talvez reconsiderando o assunto eles concordem em que não há motivo real para a sua má-vontade, e se monstrem um dia dispostos a nos tratar como colegas "de fato" e não apenas "de jure".

Dulce de Camargo Vieira

Bisturizando

O que há com a Obstetrícia?

Para quem chega ao 5.º ano da Faculdade é lamentavel ter de sugeitar-se a certas circunstâncias que encontramos frequentemente no 10 andar, ali na Clínica Obstétrica.

É no quinto ano que os alunos começam a fazer os plantões no H. C., e começam pela Obstétrica, pois somente à noite é dado aos alunos da Faculdade o direito de fazer partos. Durante o dia, até às 19 horas esse privilégio cabe as alunas da Escola de Obstetrícia. Diga-se de passagem que à noite é muito frequente que as enfermeiras também façam os partos, embora entejam de plantão três doutorandos todos os dias, durante toda a noite. Acontece que quando a enfermeira chama o estudante, para fazer o parto, a criança já nasceu, ou então vamos encontrar na sala de partos, a enfermeira de luvas e a criança já com o "occiput" para fora.

Infelizmente os internos de obstetrícia, nunca aparecem numa hora destas, e quando aparece um mais graduado da Clínica Omstétrica é para, por mais monstruoso que pareça, dar "braço forte" às enfermeiras, menosprezando os alunos. Conta-se mesmo o lamentavel incidente em que um Assistente da Obstetrícia, mandou um estudante des-

calçar as luvas para que uma enfermeira fizesse o parto. Qual é então a função desse Assistente? Não é ensinar e orientar os alunos? É preciso que o ilustre professor da Cadeira, tome conhecimento também destes matizes mais escuros do seu Serviço e não apenas do colorido azul de pincel de certos internos.

Temos a impressão que o Hospital das Clínicas ainda faz parte da Faculdade de Medicina; que ainda pertence aos alunos e que deve viver em função do ensino médico.

Não se justifica, portanto, que o ensino das alunas da Escola de Obstetrícia, seja feito em detrimento do aprendizado dos alunos da Faculdade. Fosse mais prático e melhor orientado o nosso curso; tivéssemos maior assistência dos médicos encarregados; não fossemos obrigados a fazer apenas 3 partos por ano, enquanto as "curiosas" fazem 20 e então talvez não tivéssemos tanta necessidade de ir aprender Obstetrícia fora do H. C., longe da orientação da Cátedra, em outras Instituições, como por exemplo na Casa Maternal, enquanto as alunas da Escola de Obstetrícia, ficam onde nós deveríamos estar.

B. K.

ANASEPTIL COLIRIO: - Solução a 12,5% de para-sucinilaminofenilsulfamida, de pH neutro e de eficiência terapêutica em várias afecções oculares

Dissecção Psicanalítica do Trote

O trote vem sendo praticado há anos e assim o será até que determinados veteranos acendam a luz da consciência.

Numa análise introspectiva do "porque" do trote, teremos de levar em consideração o seguinte: "O trote é feito devido à fatores existentes e não divulgáveis e não à fatores divulgáveis e inexistentes" Isto significa que o que os veteranos dizem sobre o motivo do trote nada tem de real.

Podemos dividir os fatores que entram em jogo na ação dos partidários do trote da seguinte maneira:

1.º) Em primeiro lugar todo o indivíduo se deixa levar, em maior ou menor grau, por suas paixões. Pois bem, quando o calouro entra na Faculdade e visto, por determinados indivíduos, como um futuro concorrente aos seus domínios: esportes, grêmio, biblioteca etc., além do que se refere ao estudo. O trote seria uma manifestação, consciente ou inconsciente, deste estado psíquico e seria, por intermédio dele, o meio de descarga da energia negativa armazenada no subconsciente daqueles veteranos. Quero frisar que este estado psíquico, supra mencionado, diminui a medida que subimos na escala hierárquica da faculdade; portanto o auge deste estado psíquico reside no 2.º ano.

2.º) Em segundo lugar teríamos um outro fator, também dominante, que seria revidar aquilo que sofreram quando passaram pelo mesmo estágio de calouros. Mas esta sede de vingança somente perdura naqueles que não dominam suas paixões.

3.º) Em terceiro lugar teríamos uma reminiscência um tanto quanto pronunciada do Sadismo. É aquele desejo infantil de bater em animais, maltratar os menos defendidos que aqui se manifesta, por uma como que sublimação, no trote.

Ainda como um subfator devemos salientar determinados complexos de inferioridade. Certos indivíduos por motivos A ou B, sentem-se fracos, oprimidos, não capazes de afrontar um semelhante. É aqui no trote a sua única oportunidade de libertar estas energias armazenadas e sentir um "gozo" todo particular ao dar trote.

Aqui muito poder-se-ia dissertar e analisar.

4.º) Em quarto lugar teríamos o fator tradição; fator este que tem sua importância no que se refere aos seus ramais.

Quanto ao trote de rua nada mais é do que um efeito psíquico de um exibicionismo do veterano para que o povo saiba da existência de sua Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e que ele VETERANO, aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, está domando o pobre calouro.

Como se vê uma vaidade do veterano, é mais uma das suas facetas que se exterioriza.

Como já disse sempre hoverá estas 2 correntes de idéias e ações? portanto o melhor seria regulamentar o trote no sentido de diminuir o n.º de dias. O trote seria idêntico ao que vem sendo, porém seria de curtar duração; uma semana no máximo.

O calouro ao saber da notícia da sua entrada na Faculdade, fica extremamente alegre e tudo suporta durante um certo prazo, que eu acredito, por motivos teóricos e práticos, ser de uma semana.

J. W. F. Amaro,

Emilio Mira Y Lopes

Entre os grandes vultos que com sua invulgar inteligência vem prestando à nossa cultura auxílio prestimoso, cumpre ressaltar a figura simpática desse médico-psicólogo que é Emilio Mira y Lopes.

Nascido a 24 de Outubro de 1896, na pequena cidade de Santiago, Mira y Lopes porem viveu por assim dizer sua infância e juventude em Barcelona. Em 1932 doutorou-se em medicina pela Faculdade de Madrid. Por seus dotes de rara inteligência dez anos mais tarde foi nomeado catedrático de Psiquiatria da mesma Faculdade.

Democrata dos maiores e aliado da causa republicana, com a vitória do regime do caudilho Franco, viu-se Mira y Lopes na contingência de abandonar sua querida Espanha. Começou desde então sua vida errante e sofredora. Na França para onde tinha emigrado conheceu a fome, e desprezo, inclusive a sensação de passar um certo tempo num campo de concentração.

Em 1939 vamos encontra-lo como "research fellow" da Sociedade Protetora da Ciência e do Ensino, e logo mais nos Estados Unidos realizando conferências em Princeton, Harvard, Yale, Chicago e Washington. E não é só isso. Em Cuba é nomeado professor de cursos extraordinários da Universidade de Havana. Em 1940 segue para Buenos Aires ali desenvolvendo atividade científica das melhores que se pode desejar. Cria assim os serviços psiquiátricos da província de Santa Fé e mantém conferência nas maiores cidades da república do Prata.

E finalmente o Brasil vem ter a colaboração deste grande vulto em 1945 como diretor técnico de Instituto de Seleção e Orientação Profissional, da Fundação Getúlio Vargas e ainda como professor de diversos cursos instituídos pelas Universidades do Rio e de São Paulo.

Aliado a essa cultura que só pode enaltecer um homem, temos ainda o Mira y Lopes escritor de rara sensibilidade, sabendo transplantar para o papel momentos íntimos da alma humana numa maneira nunca dantes vista em outro escritor.

Muitos são seus livros e seria improficuo nomeá-los todos. Merecem apenas menção aqueles de nome "Fundamentos da Psicanálise", "Manual da Psiquiatria" e "Quatro gigantes da alma (o amor, a ira, e medo e o dever)". Neste último encara Mira y Lopes os quatro assuntos tratados com uma delicadeza e finura simplesmente indescritíveis.

Mo. Gg.

XXXXXXXX

Fatos pitorescos de Literatura

— Silvio Romero um dos grandes historiadores brasileiros foi pai de 23 filhos.

— Goethe, autor de "Fausto", "Werther" e outros livros de nomeada passou sua existência pregando o suicídio como lenitivo único para os males terrenos. Interessante é que morreu bem velho e de doença.

— Louis Bromfield, grande novelista norte-americano autor de livros tais como "E as chuvas vieram" "Boêmios Errantes", "Uma noite em Bombain", passou sua vida extraliterária arando as terras de sua gigantesca fazenda.

— A. J. Gronin, autor da já tão celebre "A Cidadela", tornou-se escritor por acaso devido a uma úlcera duodenal que o levou a um repouso durante três meses.

— A origem de sobrenome de celebre escritor alemão Erich Maria Remarque vem de anagrama do seu sobrenome real Kramer.

Mo. Gg.

Minha amiga Maria Lúcia

Permita-me amigo leitor, que te apresente esta minha "amiguinha"

Já me perguntarás, de início: — Qual o seu nome? E eu te direi: — Seu nome carece de importância, o que é fundamental é o tipo que ela representa pois encarna em si, pelos seus característicos uma categoria de mulheres que existe em nosso século — como existiu também nos anteriores, porem, com outras características o que constitui, até certo ponto, o encanto e a desgraça dos homens.

Mas, para efeito meramente designativo vamos dar-lhe um nome. Por exemplo, Maria Lúcia. Serve?

Pois bem, aqui está, amigo Maria Lúcia.

Hum! Vejo, pelo teu modo de olhá-la que já estás conquistado; pertences agora à categoria dos seus admiradores; és mais um "fan" que se soma à sua lista já bastante numerosa.

Mas, não reclames, leitor, porque não tens culpa: és um elemento inteiramente passivo ante a nossa amiguinha. Nada podes fazer, pois, como resistir aos seus encantos, como ficar indiferente à sua graça, como não reagir ante aqueles olhinhos de japoneza, de um verde lençinho e sonhador, ou então ante aqueles braços que parecem nos envolver a cada movimento, à semelhança de uma bailarina oriental; ou então como não sentir aquele conjunto de linhas que desenharam no espaço uma figura paradisíaca?

Ah! É impossível, e tu, caro leitor como eu e muitos outros também foste dominado.

Agora, que já te refazes, a pouco, do primeiro choque, por certo perguntarás: — O que fez Maria, para alcançar todo esse sucesso?

Eis, amigo, o seu grande segredo. Não pense que essas suas características constituem fruto acidental de sua personalidade. Não, longe disso, leitor.

Todos os seus atos, desde aquele passo aristocrático, ou a maneira como gesticula até a sua voz quente e sensual, tudo é o resultado de um longo e incansável treinamento.

Desde as primeiras horas do dia, até a noite, a atenção de Maria Lúcia se volta sempre no sentido de aperfeiçoar-se. Le livros sobre etiqueta social, pratica diariamente sua diction, tornando sua voz cada vez mais sugestiva tem professor de francês porque é a lingua das pessoas cultas e de inglês porque é a lingua da moda, assina a figurinos de Paris, Londres, New-York; sua manicure e seu penteado são executados por verdadeiros mestres no officio. A sua "toilette" é projetada, após exaustivos estudos, por verdadeiros arquitetos da moda.

O tempo que lhe sobra, Maria Lúcia o emprega ou nos salões de chá da Barão de Itapetininga, nas reuniões do Jockey Club, ou velejando em Santo Amaro, ou, então, — e aqui está o escopo de toda a sua vida impressionando a nós — os homens.

E tu, pobre leitor, me indagas; — Qual o fim, qual o objetivo de toda essa encenação? Calma, eu respondendo, não te exaltes.

Maria Lúcia, prezado amigo, pertence àquelas mulheres que se sen-

Música e simbolismo

As vezes ficamos simplismente intrigados com o poder magico que possuem certos compositores de transplantar para o pentagrama paisagens as mais diversas, momentos bonitos da existência, nuances pictóricas dificilmente imagináveis.

Bedrich Smetana está entre os compositores que poderíamos cognominar de "pictóricos". Numa da música checa descreve com as notas musicais da mais bela sensibilidade os recantos mais pitorescos de sua terra natal. Um dos trechos merece ser lembrado. É aquele que trata do rio Moldava. É tal a habilidade de Smetana que ao ouvir a música tem-se a impressão nitida de se "estar vendo" nos sons dos instrumentos da orquestra todas as gradações no curso fluvial do Moldava. Ora o sócego das águas, logo mais a impetuosidade da corrente, o bramir da massa liquida ao ricochetear sobre as rochas marginais.

O que caracteriza a obra pictórica que é "A minha Patria" de Smetana é sua delicadeza, sua emotividade, sua sensibilidade diferente da música também pictórica porem mais rude, mais grotesca dum "Pacífie" de Honneger ou "Fundição de Aço" de Mossolow, de grupo das chamadas "obras maquinísticas"

M. G.

Coisas da Música

Quando da estréia do grande violinista Jascha Heifetz nos Estados Unidos, personalidades famosas foram ouvir seu concerto no Carnegie Hall. Entre estas achavam-se Mischa Elman, então já conceituado virtuose do violino e Ignace Friedmann igualmente afamado pianista.

No decorrer do concerto notou Friedmann que acompanhava Elman que este suave as bicas, paradoxal numa noite fria como aquela Mischa Elman talvez tivesse visto Friedmann olha-lo insistentemente e porisso disse: — "Como faz calor aqui Ignace. Eu sou e você parece insensível a tudo isto"

Humoristicamente Friedmann respondeu: — "Meu caro nesta noite só sentem calor os violinistas que aqui se acham. Como sou pianista, estou insensível ao calor"

tem felizes e satisfeitas por se verem cercadas de homens que as admiram e a elas se escravizam. Quanto mais eles sofrem, mais contentes elas se tornam; quanto mais os torturam mais valorizam a sua vitória. São sádicas, pois seu maior prazer consiste em fazer sofrer os outros.

Não amigo, não te sintas ofendido, nem tão pouco ofendas a nossa "amiguinha", pois mais cedo ou mais tarde, nós vingaremos. Como? É simples.

Maria Lúcia precisará, um dia, casar-se. Neste dia então, amigo, o dia da nossa vitória, que tanto esperamos para alcançar, nós — os homens que por ela sofremos lhe enviaremos como marido, um indivíduo de 40 anos, de aspecto dispéptico, de rosto balofo e indiferente, de ventre abaulado e, para completar, inteiramente calvo. Enfim, terá a aparência da criatura mais vulgar deste mundo.

Será a nossa desforra, amigo leitor; será a nossa vitória!

Moral: Rí melhor quem rí por último.

Agostinho Bettarello.

Presente de aniversário...

Conclusão da primeira pag.

da morte de Arnaldo, permanece, e permanecerá, porque construída em alicerces de solidez indestrutível.

E porque assim é, vem vindo, de glória em glória, ao sopro de incontido renome, crescendo em marcos de alta projeção. Poderiam ser lembrados alguns: sua instalação pela clarividência governamental do Conselheiro Rodrigues Alves secundado pelos seus ilustres auxiliares Drs. Altino Arantes e Oscar Rodrigues Alves e logo entregue às mãos de Arnaldo Vieira de Carvalho, aptas a susterm-na por anos, com a energia e o rigor que logo engrandeceram; a limitação do numero de alunos; o regime de tempo integral; a conquista da simpatia preciosa da Fundação Rockefeller; a construção de seus prédios de laboratórios; a construção de seu Hospital; a consolidação definitiva de suas possibilidades docentes e de pesquisa na pujança de hoje... Nessas etapas deve ser traçada a história opulenta da Faculdade. tão cheia de lances esplêndidos.

Não pode ser esquecido o fato de que se diplomaram já, em suas 33 turmas, 1931 médicos, e o de que, destes, são 15 os que têm assento efetivo em suas cátedras, exatamente constituindo a metade da congregação de professores.

Muito tem feito a Escola de Arnaldo no campo da medicina científica e profissional. Sua produção em trabalhos de valor é sem conta. Falam alto as estatísticas bibliográficas.

Mas, não seria perfeita sua existência se não se multiplicasse em prolongamentos, diretos ou indiretos, de particular estima, desdobrando-se, maternal, em rica estirpe. Lembre-se que ela é quase aquarentada...

Não podem ser a Escola Paulista de Medicina, a Faculdade de Medicina Veterinária, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Higiene e Saúde Pública e, a mais recente de todas, a Faculdade de Medicina de Sorocaba, afanias de sua glória?

Carta da Associação Paulista de Medicina à Faculdade de Medicina

Ao Exmo. Sr. Dr Jaime Albuquerque Cavalcanti

DD. Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

São Paulo, 18 de abril de 1951
Senhor Diretor

Tenho a grata satisfação de fazer chegar ao conhecimento de Vossa Excelência que a Associação Paulista de Medicina recebeu com o mais intenso júbilo a auspiciosa notícia de que a American Medical Association incluiu a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre as instituições de ensino médico estrangeiras, recomendadas e reconhecidas como tendo as mesmas bases de ensino ministradas nas melhores organizações congêneres da America do Norte.

Tão elevada distinção vem demonstrar muito nitidamente o reconhecimento, não só do elevado padrão cultural de nosso meio, como da maneira provecta e eficiente pela qual vem sendo dirigida a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Venho portanto, em nome da Associação Paulista de Medicina, apresentar a Vossa Excelência e ao brilhante Corpo Docente desse modelar estabelecimento de ensino superior, as mais sinceras congratulações pela conquista de mais um valioso premio pelos seus ingentes esforços no sentido de procurar aprimorar a cultura médica no nosso País.

Com os meus elevados protestos de consideração e respeito subscrevo-me atentamente.

a) Prof. Jairo Ramos
Presidente

O presente de aniversário que enriquece agora o tesouro de seus guardados de estimação, é bem merecido, modéstia à parte. Não foi um ato de favor, mas de justiça.

Parabéns' pois, a quem o recebeu e, muitos, a quem lhe fez honra ao mérito.

Publicado na "Folha da Manhã" de 22 de abril de 1951.

Prêmio merecido e...

Conclusão da primeira pag.

Medical Colleges voted to include the University of São Paulo Faculty of Medicine in its list of foreign schools whose graduates we recommend be given consideration on the same as graduates of approved medical schools in the United States.

For your information a copy of the new revision of the list of foreign schools in enclosed.

Sincerely yours,

a) Francis R. Monlove, M. D.
Associate Secretary"

Realmente, consultando-se o Índice Bibliográfico, publicado pela Comissão de Pesquisa Científica, verificou-se que somente as cadeiras da Faculdade submetidas ao regime e publicaram mais de 3.000 trabalhos, dos quais 2.513 científicos e 583 de ordem cultural alcança cerca de trabalhos. Excluem-se desta estatística, as publicações dos departamentos clinica e dos departamentos especializados cujo balanço não foi ainda estabelecido.

Conhecido como são os rigores que o Conselho de Educação Médica e Hospitais da Associação Médica Americana, mantém, relativamente ao padrão de ensino medico, este certificado, que acabamos de receber, tem uma alta significação.

Eis, por que queremos deixar aqui registrada esta circunstancia que evidencia o acerto das diretrizes tracadas, com grande clarividencia, por Arnaldo Vieira de Carvalho nos primeiros dias da instituição, diretrizes mentidas e aperfeiçoadas desde aquele momento até a hora presente.

(Especial para A Gazeta pelo Prof. Ernesto de Souza Campos).

SONETO

Que haja entre nós este mistério fundo,
Só nosso, e inda mais nosso por secreto,
Longe, bem longe do restante mundo
Que é tão tolo, tão fútil e idiscreto,

Pois sempre o sentimento mais profundo,
De forte e firme e duradouro afeto,
Foge do olhar perquiridor do mundo,
Fica abrigado num recesso quieto.

Deixemos bem guardado nos arcanos
De nosso peito este segrêdo doce,
Que nos fala de amôr, de um sonho louco...

(Quem me dera que sonho nó não fosse!)
Talvez depois, com o correr dos anos,
Pensemos que um segrêdo não é pouco...

SHEHERAZADE

O POR DO SOL

Dedicado ao estimado amigo Tulio Miraglia

Bate a ultima rajada iluminada
Ha sombras que se alongam,
O céu mostra indeciso
a leste um azul quasi apagado
oeste se dissipa uma coloração rubroviolaceã
Passa com ar despreocupado
frente a luz do astro rei já decadente
um hidrofilo algodão com mertiolato
cuja sombra, já não é sombra, quasi nada.
Elasticamente passa
passa
não passa, passa
Sem vestigio.
Solta a natureza seu último gemido
A morte deste rei em luto pôs a terra
te estrelas já se vestem
Sete grilos são da orquestra
Oito sapos vão a festa.
Morre o astro que
foi...
não foi...
Foi rei.

William Callia

1951



À Matinas Suzuki — aonde estiver — homenagem do "O Bisturi"

O Monumento de 32

AOS COLEGAS

Ao aceitar a indicação da Diretoria do Centro Acadêmico 'Oswaldo Cruz', para orientar os destinos do "O Bisturi", durante o ano de 1951, conhecíamos, já, os vários impecilhos que dificultavam a sua publicação regular.

Entre outros estava o próprio conceito em que era tido o nosso jornal, e, por isso, vemos oportuno esclarecer que "O Bisturi" não é mais um simples veículo de piadas estudiantis.

De há muito, é ele o "Órgão Oficial do Centro Acadêmico 'Oswaldo Cruz'", e, foi como tal que assumimos a sua direção.

Não é nosso propósito, nem se coaduna a finalidade do nosso jornal, imprimir-lhe um cunho de mensário científico. Desejamos, tão somente, que ele esteja à altura dos alunos de uma Faculdade "Padrão A"; que possa exercer junto às cátedras o papel de crítico sereno e honesto.

Para a concretização do nosso objetivo tornava-se necessária a publicação, pelo menos mensal, de "O Bisturi", o que viria acarretar um ônus por demais pesado para a Tesouraria do C. A. O. C.

Resolvemos, então, solicitar o apoio de um dos grandes laboratórios de São Paulo. O primeiro nome que nos ocorreu foi a "Companhia Farmacêutica Brasileira Vicente Amato Sobrinho S/A." e para lá nos dirigimos, com a certeza antecipada de que bateríamos numa porta amiga. Por várias vezes estudantes de medicina têm encontrado no Comendador ~~Vicente Amato Sobrinho~~, o auxílio necessário para a realização de um programa traçado. Já o sabemos um interessado nos nossos problemas e mais uma vez nos deu o apoio esperado. Mais do que isto, sugeriu publicássemos, na página que oferecíamos para propaganda dos seus produtos farmacêuticos, não apenas os seus clichês, mas alguma coisa mais, que pudesse auxiliar na formação da nossa cultura médica. Daí surgiu a seção de "Notícias Científicas" do "O Bisturi".

Conseguimos, portanto, vencer, um obstáculo sério e dispomos, agora, dos meios para a publicação mensal do nosso jornal.

Não poderemos, entretanto, levar a cabo essa tarefa, que outros muito mais capacitados do que nós não o conseguiram, se não contarmos com a compreensão e a boa vontade dos nossos colegas.

Não lhes prometemos uma edição mensal do nosso jornal. Acreditamos, apenas, ter conseguido que "O Bisturi" seja publicado, mensalmente, se assim o desejarem os alunos da Faculdade e aqui ficamos à espera das suas colaborações.

Alvaro E. de Almeida Magalhães



Quando os canhões que troucam pela lei silenciaram e o soldado, que combatia por uma Constituição, depôs sua arma, muita mão piedosa de mãe, noiva e esposa, colocou uma fita de luto no canto do quadro que, orgulhosamente, ostentavam em seus lares, com os dizeres: "Desta casa partiu um soldado da lei" No lar Greef Borba, isto aconteceu e também a família acadêmica de medicina cobriu-se de luto — o estudante José Greef Borba não voltara.

E, quando uma Constituição, pela qual esses moços tinham se sacrificado, permitiu às pessoas se expressarem livremente, a mocidade acadêmica elevou, num recanto dos jardins da Faculdade, um monumento em homenagem a esse acadêmico, que ficara no aceso da luta. Todos, que por ali passavam, contemplavam com orgulho e admira-

ção o símbolo do esforço da mocidade, pela preservação da lei.

Mas, a resistência democrática foi fraca e o arbítrio subjuguou a lei, parecendo que seus ardentes defensores haviam sucumbido no campo de luta.

Aproveitando as trevas da ditadura e a escuridão da noite, mãos maldosas, talvez guiadas pelas próprias autoridades liberticidas, derrubaram o busto do soldado e arrancaram do mármore preto a legenda do monumento, com intenção de, destruindo os exemplos do passado, desencorajar a resistência do presente. Mas, aos transeuntes, aquelas pedras brancas e pretas, sem nenhuma inscrição, ainda lembravam um feito paulista.

As trevas da prepotência se dissiparam e novamente a luz da liberdade aqueceu a todos. A mocidade ergueu o busto do soldado, colocando-o no seu an-

tigo lugar e, interpretando os sentimentos dos moços, afixaram os versos do poeta:

*Quando se sente bater
No peito, heroica pancada,
Deixa-se folha dobrada,
Enquanto se vai morrer.*

A geração de hoje completa a restauração do monumento ao soldado de 32, fixando, definitivamente, o busto, no seu pedestal e reconstituindo a legenda como era antes. Desse modo, prestamos uma nova homenagem a esse jovem que, para nós, já se destigou de 32, de S. Paulo. sublimou, é um símbolo — "O SOLDADO DA LEI" — que, em todos os países e em todos os tempos tem enfrentado os tiranos e sucumbido pela LIBERDADE.

J. Valente Barbas

ANASEPTIL POMADA: — Sulfa em alta concentração associada às vitaminas A e D do óleo de fígado de bacalhau

ANASEPTIL COLUTORIO: — Sulfa e Novarsenobenzol, para o tratamento de afecções buco-faríngeas